abralic
XIV Congresso Internacional
Fluxos e correntes: trânsitos e traduções literárias
ANAIS ELETRÔNICO
ISSN 2317-157X

DE JORNAL PARA JORNAL: A REESCRITA DE UM CONTO QUEIROSIANO

José Adauto Santos Bitencourt Filho (UFPA/PIBIC/CNPq)[1]
Profa. Dra. Germana Maria Araújo Sales (Orientadora — UFPA/CNPq)[2]

Resumo

Em 25 de março de 1876, em Belém, publicava-se o primeiro número d'*A Província do Pará*, jornal de circulação diária que tinha como sócios fundadores Joaquim José de Assis, Francisco de Souza Cerqueira e Antônio José de Lemos, mantendo-se em atividade até o século XX, ano de 2001. No período em que o jornal circulou, durante o século XIX, a imprensa serviu como instrumento de divulgação de trabalhos de escritores que se notabilizariam no mundo das letras, bem como de aspirantes a artistas, que logo caíram no esquecimento. Nesta folha diária, Eça de Queirós publicou os contos *O mandarim* (1880), *Senhor Diabo* (1888) e *No moinho* (1892), narrativas que já haviam sido publicados em outros jornais, a exemplo do lisbonense *O Atlântico*. Nossa exposição, no entanto, concentra-se apenas no conto *No moinho*. Levando-se em consideração a distância espacial que separa os periódicos em que foi publicado – Lisboa e Belém – e, consequentemente, o público a que atendia, nosso interesse é fazer uma análise comparativa das versões publicadas nos periódicos, com a edição compilada no volume *Contos*, em 1902, destacando-se os pontos que as aproxima e as distancia.

Palavras-chave: A Província do Pará. Eça de Queirós. Século XIX.

Introdução

No ano de 1876, fundado pelo redator político Joaquim José de Assis, pelo tipógrafo Francisco de Souza Cerqueira e pelo redator gerente Antônio José de Lemos,

[1] Aluno de graduação em Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pará - UFPA. Bolsista CNPq.
[2] Professora Associado II da Graduação e Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará – UFPA.

ANAIS ELETRÔNICO
ISSN 2317-157X

iniciou-se a circulação do periódico *A Província do Pará*. Sendo, inicialmente, órgão do Partido Liberal, e depois tornando-se independente politicamente, esta folha, que teve sua publicação iniciada na segunda metade do séc. XIX e encerrada em 2001, desde o primeiro número apresentou, no rodapé da primeira página, a sessão *Folhetim*. Nela, era comum a veiculação de diversos gêneros narrativos, como o romance, conto, a crônica, novela, entre outros.

Esta seção presente na geografia da folha paraoara é proveniente de um modelo francês que teve uma importância significativa para o aumento do público leitor de prosa de ficção, já que o jornal era um suporte literário mais acessível que o livro, que possuía um alto custo; contribuindo também para a ascensão do gênero romance (WATT, 2010, p. 47). No entanto, no *Folhetim*, não era apenas veiculado o gênero supracitado. Ele era "um espaço vazio destinado ao entretenimento" (MEYER, 1996, p. 57), onde eram encontradas piadas, charadas, receitas de cozinha, entre outras variedades.

O primeiro romance presente nesta seção d'*A Província do Pará*, foi *A Marquesa Ensanguentada*, obra francesa assinada por Condessa Dash. No período correspondente à década de 80, o jornal teve um maior número de prosas narrativas francesas, seguidas pelas portuguesas. Estas expressas, majoritariamente na forma de contos, já que, sendo narrativas curtas, poderiam ser publicadas em apenas um fascículo. Além da publicação de crônicas e apenas um romance desta nacionalidade (FERREIRA, 2013).

Eça de Queirós e *A Província do Pará*

José Maria Eça de Queirós (1845-1900) foi, entre os autores que compartilhavam a sua nacionalidade, o mais discutido e publicado neste periódico no segundo quartel do século XIX. O autor era dono de um estilo que

> […] sugere uma transparência e uma cristalinidade a que apetece chamar olimpíadas, em que a inteligência se sente tranquila e satisfeita. Esse estilo atesta que além de um gosto sempre em busca da sensação mais afinada, uma participação da inteligência selectiva. Por outro lado, é um estilo deleitoso e atraente pela sensualidade

ANAIS ELETRÔNICO
ISSN 2317-157X

quase viciosa.

SARAIVA, 1999, p. 130

Quer fosse pelo estilo, quer fosse pela voga do momento, era comum encontrar publicações do autor português em um grande número de jornais. E, n'*A Província*, além de diversos artigos e resenhas de suas obras, encontramos fragmentos de romances, crônicas e contos que compartilham sua autoria. Esta grande atenção dada pela folha ao romancista é compreensível, já que, nestes anos que compreendem a última metade do século XIX, o autor desfrutava de uma fase de grande sucesso nas terras brasileiras, chamada de "eçolatria", ou "ecite" (MATOS, 2014, p.337), justificada por Alfredo Campos Matos:

> Indagando das razões do grande sucesso que Eça desfrutava no Brasil, José Maria Belo, crítico brasileiro, achava que tal se devia, antes de tudo, "às audácias do seu estilo, investindo contra todas as normas clássicas de composição literária e dando aos velhos temas valores até então desconhecidos […]" De certo que nesta empatia dos brasileiros com Eça de Queiroz não podemos excluir a crítica acerada que ele desenvolve contra Portugal e os portugueses […].
>
> MATOS, 2014, p.339

A grande presença de Eça de Queirós n'*A Província* pode também ser relacionada ao fato de que o diretor do jornal, no final da década de oitenta, e início da década de noventa, Marques de Carvalho, era um grande admirador do escritor de *Os Maias*, e por isso, o privilegiava tanto nas publicações de suas obras quanto nas dos artigos relacionados ao autor (FERREIRA, 2014, p. 21). Dos contos que foram divulgados no jornal paraense, estão *O Mandarim* (1880), *O Senhor Diabo* (1867) e *No Moinho* (1880)[3].

Entre estes contos, volto minha atenção para a narrativa *No Moinho*, com o objetivo de fazer uma análise comparativa entre a versão do conto presente no periódico lusitano *O Atlântico*, aquela verificada na folha paraoara, e a coletada em volume por Luís de Magalhães na coletânea póstuma *Contos* (1902). Esta comparação

[3] As datas das citadas se tratam das publicações originais das obras, já que, na folha paraense, elas foram publicadas, respectivamente, em 1880, 1888 e 1892.

ANAIS ELETRÔNICO
ISSN 2317-157X

tem como objetivo verificar se houve algum tipo de reescrita, tendo em vista que a emenda dos seus textos era uma das marcas do processo criativo de Eça de Queirós, já que um representativo número de sua produção foi reelaborada ao longo dos seus anos de vida, como *O Mistério da estrada de Sintra* (1870), *O Crime do Padre Amaro* (1876), *O Primo Basílio* (1878), *A Relíquia* (1887), *A Ilustre casa de Ramires* (1900), entre outros títulos (REIS; MILHEIRO, 1989).

No Moinho

Publicado em 28 de abril de 1880 na folha portuguesa *O Atlântico*, na seção *Poesia* e na subseção *Conto*, *No Moinho* narra a história de D. Maria da Piedade, uma jovem "loura, de perfil fino" e "pele ebúrnea" presa a um casamento sem amor a João Coutinho, "um inválido" mais velho que ela, e mãe de três filhos que compartilham a saúde frágil do pai, é alterada com a chegada do primo do marido, o romancista da capital, Adrião. Após trocar um beijo com o visitante no moinho abandonado das redondezas, o primo imediatamente se arrepende do feito e parte da cidade. E com a partida deste, Maria usa seu tempo para ler os romances do mesmo, e não mais para cuidar de sua família, sucumbindo a um "romantismo mórbido". Revolta-se com seu destino de enfermeira e torna-se uma "Vênus" que cairia nos braços de um homem com um simples toque.

Esta pequena narrativa queirosiana trata-se de uma análise de problemas sociais, como é ressaltado por Carlos Reis e Maria do Rosário Milheiro (1989, p.130-131), que também citam que este caráter analista era comum ao Eça dos anos 70 e início dos 80, que via a literatura como "um 'estudo' de casos humanos e sociais" (REIS; MILHEIRO, *op. cit.*). O autor, nesta fase, aproximara-se de Émile Zola ao reafirmar a "[…] necessidade de a arte abordar matérias de vida contemporânea, ligando-se à experiência e à fisiologia e tendo o ideal da Justiça e da Verdade […]" (MATOS, 1988, p. 451-452), mas indo a um sentido contrário à "[…] análise fria e imparcial dos romances experimentais […]" (MATOS, *op. cit.*).

Em *No Moinho*, Eça de Queirós mostra uma "preocupação dominante com a condição da mulher, com a instituição do casamento e da família, em conjugação com

ANAIS ELETRÔNICO
ISSN 2317-157X

comportamentos […] que evidenciam a crise que atinge tais instituições" (REIS; MILHEIRO, *op. cit*), neste caso, o comportamento que irá evidenciar esta crise é o adultério. Tema similar é presente também em um romance do escritor publicado antes do conto aqui estudado, em 1878: *O Primo Basílio*.

No Moinho, foi publicado n'*A Província do Pará* nos dias 02, 04 e 05 de outubro de 1892, na seção *Folhetim*. E tinha em comum com outros contos publicados na mesma folha o tom moralizante e pedagógico sobre comportamentos condenáveis, mostrando a penitência que aqueles que o cometem sofrem. No caso de *No Moinho*, observamos que Maria da Piedade, após o adultério é abandonada pelo amante e sucumbe à "loucura da vítima" (MEYER, *op. cit.*, p. 249), aquela "nascida do desencontro dos desejos, do desequilíbrio das paixões: […] a mulher ferida e rejeitada […]." (MEYER, *op. cit.*), que é um dos traços da terceira fase do romance-folhetim, os "romances dos 'dramas da vida'" que engloba os anos de 1871 a 1914, ressaltados por Marlyse Meyer.

De jornal para jornal: um cotejo entre as versões d'*O Atlântico* e d'*A Província*

Ao fazer o cotejo entre estas duas versões: o fragmento do periódico lisbonense e a versão integral publicada n'*A Província*, podemos notar que não existem diferenças entre as duas, em relação a composição textual da narrativa queirosiana. Ambas possuem o mesmo texto. A diferença entre elas reside na maneira em que os periódicos as veicularam.

É documentado que *No Moinho* fora publicado integralmente em apenas uma edição d'*O Atlântico*, a de 23 de março de 1880 (SIMÕES, 1980, p. 706), embora nesta pesquisa bibliográfica tenha sido recuperado penas um trecho desta publicação, enquanto a divulgação paraense fora dividida em três fascículos, veiculados entre 02, 04 e 05 de outubro de 1892. Logo, podemos supor que o jornal fragmentou a narrativa para que permanecesse por um período maior de tempo nas folhas do periódico. Tal ação é justificável, já que Eça de Queirós era um nome período e, certamente, atrairia leitores à *Província*.

Os cortes feitos no conto foram pontuais e aconteceram em momentos da

ANAIS ELETRÔNICO
ISSN 2317-157X

narrativa que suscitariam o anseio do leitor para a próxima edição do jornal. O primeiro fascículo é suspendido no momento em que Adrião faz o primeiro elogio a Maria da Piedade: "— Mas que superioridade, prima, exclamou Adrião maravilhado. Um anjo que entende de cifras!". O segundo ocorre após o beijo trocado pelos dois no moinho, na reação da protagonista: "— É mal feito… é mal feito…". Enquanto o terceiro fascículo encerra a narrativa.

Do jornal para o livro: a mudança de suporte e a reescrita queirosiana

O suporte literário possui uma grande importância para o texto, tendo em vista que

> […] Os textos não existem fora dos suportes materiais (seja eles quais forem) de que são os veículos. Contra a abstração dos textos, é preciso lembrar que as formas que permitem sua leitura, sua audição ou visão participam profundamente da construção dos seus significados. O "mesmo" texto, fixado em letras, não é o "mesmo" caso mudem os dispositivos de sua escrita e de sua comunicação […]
>
> (CHARTIER, 2002, p.61-62)

No século XIX, o jornal era entendido como um espaço literário inferior, já que estava associado, geralmente, a sua efemeridade e ao seu teor descartável; e como dono de uma leitura associada à "[…] ação ligeira [...] e, muitas vezes, feita de forma oral, o que implicava a participação de escravos e homens livres analfabetos na sua socialização." (BARBOSA, 2007, p. 40). Enquanto o livro era mais elitizado, e demonstrava, sobretudo, prestígio social. Tendo em vista estas diferenças, é possível perceber que o púbico-leitor que consumia as narrativas veiculadas em certo veículo, não era a mesma que as lia em outro.

Algumas narrativas de Eça de Queirós foram inicialmente publicadas em periódicos e depois mudaram de suporte literário. Após esta troca, foi observado que elas apresentavam algumas alterações na estrutura de seu texto, e por vezes na sua própria significação, como acontecera com *O Mandarim*, inicialmente concebido como um conto, que depois fora completamente reelaborado e transformado em um romance devido a sua publicação em volume (FERREIRA, *op. cit.*).

O conto *No Moinho* foi publicado em livro em 1902, na coletânea póstuma

ANAIS ELETRÔNICO
ISSN 2317-157X

intitulada *Contos* publicado pela Livraria Chardron de Lello & Irmão, no Porto, sob orientação de Luís de Magalhães. Neste volume estão inclusas outras pequenas narrativas do autor português, como *Singularidades de uma Rapariga Loura*, *A aia* e *Civilização*.

Desta vez, ao fazer uma comparação entre a publicação do conto aqui estudado presente nos periódicos com a que integra a coletânea de 1902, podemos observar alterações no texto. As mudanças, no entanto, são pontuais e não modificam o sentido do texto, sendo apenas alterações lexicais, como a substituição do adjetivo "branca", utilizado na versão dos periódicos para caracterizar a pele de D. Maria da Piedade, por "ebúrnea"; e "plantada", para definir a terra magra que a protagonista vê pela sua janela, por "pintada". A troca da expressão "junto do oratório" por "aos pés do oratório"; "conversação" por "conversa"; e "uma outra vida que não aquele abafamento de alcova" por "uma outra vida diversa daquele abafamento de alcova".

Embora as alterações entre as versões de *No Moinho* veiculadas nos periódicos *O Atlântico* e *A Província do Pará* sejam apenas no número de fascículos de divulgação, o cotejo da versão dos jornais com a presente no livro *Contos* nos mostra um texto com leves e pontuais alterações lexicais, o que comprova que houve um processo de revisão e reescrita do texto.

Não sabemos, no entanto, se as trocas ocorridas, ainda que mínimas, foram de autoria do próprio autor ou do editor, Luís de Magalhães, já que trata-se de uma edição póstuma. Eça era conhecido pelo hábito de reescrever suas obras e emendar seus textos, porém, a coletânea *Contos* foi organizada após a morte do autor. Não sendo possível afirmar ao certo, Alfredo Campos Matos especula, utilizando as alterações em um outro conto presente nesta mesma coletânea, *Singularidades de uma rapariga loura*, que o editor é um "provável responsável das intervenções praticadas nestes textos" (19888, p. 157) ao ressaltar a existência de diferenças entre a versão deste conto presente no *Diário de Notícias*, em 1874, e a presente no volume de 1902.

ANAIS ELETRÔNICO
ISSN 2317-157X

Conclusão

Neste estudo podemos observar que as pluralidades à publicação original do conto *No Moinho* não acontecem somente na alteração de suporte – do jornal para o livro, mas também que estas mudanças ocorrem quando conserva-se o suporte – de jornal pra jornal. No primeiro caso, as variações realizam-se na troca de adjetivos e expressões, mas que conservam o sentido geral da narrativa. E no último caso, elas acontecem na forma em que *A Província do Pará* fragmentou o conto para que o mesmo pudesse permanecer por mais tempo nas folhas do periódico, com cortes que visavam criar expectativa no leitor para a publicação do próximo fascículo da narrativa; enquanto n'*O Atlântico* a narrativa foi veiculada integralmente em uma edição da folha.

Este processo de recorrente emenda do texto era comum a Eça de Queirós, sendo uma fonte de estudos rica, já que oferece uma perspectiva a cerca de como os suportes que veiculavam narrativas nos Oitocentos influenciavam na forma em que o texto era divulgado aos leitores; como a transposição de um suporte para outro, encadeava alterações para que a narrativa pudesse ser melhor encaixada no novo formato, causando mudanças estruturais, lexicais e até mesmo no estatuto das narrativas. E, também, como o autor buscava adequar as suas narrativas de acordo com o local em que estas iriam ser publicadas.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Jornal e literatura**: a imprensa brasileira no século XIX. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

FERREIRA, Sara Vasconcelos. **A presença de obras e autores portugueses no fim do século XIX no jornal *A Província do Pará*.** Relatório Técnico-Científico final

ANAIS ELETRÔNICO
ISSN 2317-157X

vinculado ao Projeto de Pesquisa Memória em periódicos: a constituição de um acervo literário. UFPA. Belém (2013).

_____. **Sob o gozo da riqueza e o adorno do pecado**: "O Mandarim" e a oficina do escritor. Trabalho de Conclusão de Curso. UFPA. Belém (2014).

MATOS, Alfredo Campos. **Dicionário de Eça de Queiroz**. Lisboa: Caminho, 1988.

_____. **Eça de Queiroz**: uma biografia. 1. ed. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial; Campinas: Editora da UNICAMP, 2014.

MEYER, Marlyse. **Folhetim**: uma história. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

MÓNICA, Maria Filomena. **Eça**: Vida e obra de José Maria Eça de Queirós. Rio de Janeiro: Record, 2001.

QUEIRÓS. Eça de. No Moinho. In: _____. **Contos**. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2013.

REIS, Carlos; MILHEIRO, Maria do Rosário. **A construção da narrativa queirosiana**: espólio de Eça de Queirós. Biblioteca de autores portugueses: Imprensa nacional — Casa da Moeda, 1989.

SARAIVA, José António. **Iniciação à literatura portuguesa**. São Paulo: Companhia das letras, 1999.

SIMÕES, João Gaspar. **Vida e obra de Eça de Queirós**. 3. ed. Lisboa: Livraria Bertrand. 1980.

WATT, Ian. **A ascensão do romance**: estudos sobre Dafoe, Richardson e Fielding. São Paulo: Companhia das letras, 2010.